

JUDAÍSMO E IDENTIDADE NA ARQUITETURA DE SINAGOGAS¹

Sergio Kopinski Ekerman

O edifício da sinagoga tem um propósito triplo. O primeiro deles é o de servir como casa de prece e oração, *Bet-ha Tefillah*. É o local aonde as preces direcionadas a Deus são realizadas.

A segunda função básica do espaço da sinagoga é servir de casa de estudo ou *Bet-ha Midrash*. É através do estudo das compilações da lei judaica e suas interpretações e comentários que se construíram e que se continuam construindo as bases éticas e morais da religião judaica.

Terceiro, e mais importante, a sinagoga é o ponto de encontro da comunidade, local de realização de debates, reuniões e tomadas de decisão. Ela é a casa da congregação, o *Bet-ha Kneset*. O próprio termo sinagoga, originário da expressão grega *synagein*, "reunir-se", resume o espírito do edifício.

Como local de orações, a sinagoga representou um conceito revolucionário para sua época, substituto do templo da antiguidade, caracterizado por ser a moradia do Deus vivo, acessível apenas aos sacerdotes. O primeiro Templo hebreu, que tinha estas características, foi construído em Jerusalém por Salomão, filho de David, em meados do século IX AEC. Sua estrutura planimétrica e litúrgica baseava-se no Tabernáculo do deserto.

As origens da sinagoga remontam a 586 AEC, ano da destruição do primeiro Templo e expulsão de Canaã. Exilados, os judeus foram obrigados a manter seus preceitos religiosos através de métodos alternativos, utilizando um novo tipo de edifício para adoração. O "santuário menor" era o lugar onde a memória dos rituais do Templo destruído deveria ser mantida e, nesse sentido, os sacrifícios eram substituídos por preces afins, realizadas em horários equivalentes, o que definiu num momento posterior a estrutura litúrgica judaica.

¹Sergio Kopinski Ekerman é Arquiteto e professor de projeto arquitetônico na Universidade Salvador, autor do projeto para o Memorial do Holocausto, em Salvador. Este artigo é baseado na dissertação de mestrado em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

O Templo foi reconstruído em 515 AEC, após a volta dos judeus a Jerusalém, além de ampliado sob o reino de Herodes, comandante ligado aos romanos e rei da Judéia entre 37 AEC e 4 AEC². O conflito entre hebreus e romanos, no entanto, levou à segunda e definitiva destruição do Templo, em 70 EC, episódio que exilou uma vez mais os judeus. Saindo da Terra Prometida, os hebreus espalharam-se principalmente pela Europa, Ásia e África, estabelecendo-se na diáspora. Esta nova expatriação obrigatória (que duraria, oficialmente, até 1948, com a criação do Estado de Israel) consolidou o uso da sinagoga como casa de orações e núcleo das comunidades o que concretizou seu papel de eterno “substituto temporário” do grande Templo.

Da imigração para a Europa, os remanescentes mais antigos de sinagogas datam do século XII. Admite-se que o período anterior tenha sido marcado pelas imensas dificuldades do exílio, bem como pelo isolamento num sistema feudal caracterizado pela ordem católica do medievo europeu. O afastamento das comunidades judaicas em relação à ordem social vigente foi uma marca presente em quase toda a Europa no período que se seguiu até o século XIX. As judiarias da Península Ibérica pré-inquisição, bem como os “ghettos” italianos são exemplos práticos de como essas comunidades eram compulsoriamente organizadas.

Do ponto de vista da linguagem arquitetônica e estética, este contexto resultou numa adaptação das sinagogas às condições e regulamentos existentes em cada tempo e lugar, além do desenvolvimento de edifícios mais reclusos e menos destacados, até por questões de segurança. Isso significa pouca elaboração de artificios formais específicos, exceto aqueles condicionados pelas questões tecnológicas, construtivas e legislativas, algo que podemos entender como uma “condição imposta pelo gueto”.³

Na decoração e organização do espaço interior, no entanto, é destacável o esforço realizado em prol da manutenção das tradições e identidades

² O Kotel Ha'Maaravi. In: Revista Morashá, ano XIV, dez 2006. p. 12-19.

³ LEVISKY, Adriana Blay. **Sinagogas: A Sacralização do Espaço & Espacialização do Sagrado**. 2000. 220f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação - Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, p.188).

religiosas, ação que conservou vivos os elementos fundamentais da sinagoga. O Aron-ha Kodesh, local que guarda a Torah, e a bimah, plataforma de onde se lêem os textos sagrados e comanda-se a liturgia, representam até os dias atuais o núcleo físico do espaço religioso judaico. Mesmo considerando o caráter iconoclasta do judaísmo, é possível observar que os interiores eram objeto de rico trabalho decorativo, onde elementos como a caligrafia hebraica tinham lugar cativo. Destacam-se nesse conjunto as sinagogas de madeira polonesas do séc. XVIII, posteriormente dizimadas pelo regime nazista.

As alterações sócio-econômicas estruturais trazidas pela Revolução Industrial e a laicização do Estado terão um papel importantíssimo na mudança do judaísmo enquanto religião, e conseqüentemente na mudança do espaço da sinagoga, a partir do século XIX. O fenômeno da Emancipação Judaica, processo iniciado neste período e caracterizado pela gradual aquisição de direitos civis pelos judeus, inicialmente nos Estados Unidos e de grande aceitação na França Revolucionária, será extremamente representativo para a religião.

A aquisição de direitos civis igualava o judeu ao cidadão comum, comprometendo-o com o Estado e inserindo-o definitivamente na sociedade. Esta nova condição judaica deflagrou um processo de assimilação cultural que, por sua vez, fez com que parte das comunidades judaicas desse início a um novo pensar, uma resposta aos novos valores encontrados depois do rompimento do gueto, nomeado de Movimento Reformista.

Novas sinagogas testemunharam esse momento histórico, representando mudanças significativas no tema da arquitetura ligada ao judaísmo, reflexo das grandes transformações propostas pelo Reformismo. Além de alterações nos arranjos planimétricos tradicionais, incorporando na sinagoga a planta "monofocal" com Arca Sagrada e baldaquino no mesmo ponto, esta nova posição social judaica gerou uma notável diferença na escala destes edifícios. Se antes elas não passavam de pequenas sinagogas, muitas vezes escondidas em casas, tornaram-se naquele momento construções monumentais, francamente abertas para a rua e preparadas para públicos de até três mil pessoas, como a Sinagoga da Oranienburger Strasse (1866), em Berlin ou a

Sinagoga da Rue de La Victoire em Paris (1847). Mudanças claras na liturgia, como a instituição do coro e canto uníssono da congregação ou a mudança do hebraico para a língua local, visavam concorrer com o culto protestante, muito popular entre os jovens judeus, que freqüentemente se convertiam no intuito de procurar algo mais compatível com seu novo status. Os grandes edifícios também realçavam a nova posição social das comunidades judaicas, num sentido de auto-afirmação.

Assim como as igrejas católicas desta época, as sinagogas também foram campo de experimentação de estilos historicistas - góticos e neoclássicos, bizantinos e mouriscos. Embora não tenha colaborado para o surgimento de uma estética eminentemente judaica, esta linguagem do "revival" buscava, paradoxalmente, as origens orientais do judaísmo, inspirada nos achados das primeiras escavações arqueológicas na Terra Santa. O neo-historicismo foi uma primeira tentativa, um tanto ineficaz, na busca pela identidade judaica na arquitetura. Um avanço importante neste período, no entanto, foi a aproximação entre o edifício judaico e o contexto urbano, como dito anteriormente.

A partir da década de 20 do século passado, sinagogas também foram tema de trabalho do Modernismo e de novos arquitetos judeus, tornando-se um campo natural de experimentação. O Movimento Moderno, até mesmo pelo seu caráter vanguardista, dá os primeiros passos para a construção de uma expressão formal mais ligada à tradição e aos elementos judaicos. Um dos marcos deste período é a Sinagoga de Zilina (1928), de Peter Behrens, edifício que já incorpora em seu volume externo diferentes tratamentos de textura e materiais no sentido de mostrar e marcar a posição de elementos sagrados internos, como a Arca Sagrada.

Um aspecto interessante das primeiras sinagogas modernistas em relação à renovação Reformista do século anterior foi a capacidade de retirar da simples decoração a responsabilidade pela procura de uma identidade judaica dentro da sinagoga. Em contrapartida, estes edifícios estiveram mais ligados à tentativa de imbuir o espaço construído com o espírito religioso hebraico, conformando-se em experiências pioneiras na manipulação dos

materiais, da luz e do volume no intuito de reforço da liturgia e caracterização do ritual judaico dentro da sinagoga. Tal processo, no entanto, foi brutalmente interrompido pela ascensão do nazismo na década de 30 e posterior eclosão da Segunda Guerra Mundial.

O fim da Guerra, em 1945, influenciou a produção arquitetônica judaica como um todo, forjando um impacto ainda mais significativo sobre a maneira de pensar a construção das sinagogas. Os Estados Unidos terão nesse contexto um papel fundamental, já que haviam se tornado a nova pátria de boa parte dos judeus emigrados da Europa nazista, dentre eles arquitetos como Eric Mendelsohn, famoso por sua Torre Einstein, em Potsdam. Mendelsohn será responsável por reflexões que buscavam um projeto de sinagoga que não fosse apenas "*símbolo das conquistas materiais do homem, mas representante do renascimento espiritual da religião após o Holocausto*"⁴. Outros arquitetos judeus, como Percival Goodman, e não judeus como Walter Gropius, Phillip Johnson e Frank Lloyd Wright também estarão ligados à produção de sinagogas modernistas nos EUA, edifícios que serão importantes na construção das referências arquitetônicas dentro da temática judaica. A paradigmática Sinagoga Beth Sholom, construída por Wright em Elkins Park, Pennsylvania (1957), tem o seu volume comparado ao do bíblico Monte Sinai, num dos primeiros exemplos de associação entre forma e símbolo na arquitetura judaica recente.

Além disso, fenômenos como a criação do Estado de Israel, em 1948, também contribuíram decisivamente para o surgimento de uma estética mais peculiar ao judaísmo a partir da década de 50, questão até hoje em franco desenvolvimento. Não há dúvidas que a construção do Estado Sionista representou um momento de afirmação de novos conceitos, condizentes com a nova ocupação. Deste período vale destacar a sinagoga do Campus Givat Ram da Universidade Hebraica de Jerusalém, construída em 1957 numa parceria do brasileiro David Reznik com Heinz Rau.

⁴ GRUBER, Samuel D. **American Synagogues: a Century of Architecture and Jewish Community**. New York: Rizzoli, 2003, p. 85.

De um modo geral, é possível dizer que o desafio de construir uma nova identidade judaica após o Holocausto e de suprir o judaísmo de uma expressão estética mais peculiar encontra na arquitetura um forte interlocutor, num fenômeno que atravessou a segunda metade do século XX e continua neste início de século XXI.

Atualmente, algumas sinagogas recém-inauguradas na Europa têm procurado, a partir de valores simbólicos e religiosos e através do manejo de componentes significativas do espaço arquitetônico exprimir uma nova identidade judaica na arquitetura de sinagogas, buscando um caminho para o heterogêneo conjunto estético que marca esta tipologia religiosa.

Os novos Bet-ha Knesset de Dresden e Munique, construídos pelos arquitetos Wandel, Hoefer, Lorch e Hirsch em 2001 e 2006, respectivamente, são um exemplo deste processo.

Nos dois edifícios, artifícios arquitetônicos tais como o trabalho com a alvenaria de pedra, a inserção de elementos de referência têxtil e o cuidado com as esquadrias e a luz são responsáveis por evocar a presença do Tabernáculo do deserto, do Templo de Jerusalém e de símbolos como a Estrela de David. Os prédios, desta maneira, incorporam em sua resposta tridimensional uma série de elementos capazes de estreitar a relação entre sua função religiosa, a congregação e uma identidade judaica.

No Brasil, dois projetos chamam atenção enquanto partícipes deste contexto de renovação do espaço da sinagoga no início do século XXI.

O primeiro deles é a Sinagoga do Centro Bait, projeto de Michel Gorski inaugurado em 2005 em São Paulo. Dentro do espaço religioso, Gorski busca no modernismo a inspiração para preencher o santuário com simbologia, através da inserção de interessantes trabalhos artísticos. Notadamente os vitrais, que tem curadoria do artista plástico Ricardo Ribenboim, carregam forte identidade, com destaque para a reprodução do quadro “Montanhas”, pintado por Lasar Segall⁵, uma figura que representa um horizonte, colocado

⁵ O quadro “Montanhas” do artista russo Lasar Segall (que originalmente mede 0,65 cm x 0,50 cm e está no museu Lasar Segall) foi adaptado em um vitral com 3 m x 2 m. É a primeira vez que a família do

sobre o armário da Torah como representante da constante mirada à Terra Santa e como simbologia do Salmo 121: "Para os montes levanto os meus olhos; de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, Criador do céu e da terra".

Gorski também dedica especial atenção ao trabalho com a luz dentro da sinagoga, reforçando a liturgia através do domínio desta ferramenta. Embora esta seja uma tendência da arquitetura religiosa num contexto mais geral, é um instrumento só mais recentemente utilizado dentro das sinagogas para o destaque de pontos importantes durante o serviço.

Além do vitral sobre o Aron ha Kodesh, Gorski cria um domo dourado invertido que, além das propriedades acústicas inicialmente buscadas também projeta sobre a bimah central uma luminosidade diferenciada.

Embora ainda não construído, outro projeto que promete reflexões interessantes acerca do espaço judaico na contemporaneidade é o da Sinagoga para a comunidade paulista Shalom, desenhada por Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci, recém escolhido em concurso (2006-2007), que busca na teologia judaica e na sua interpretação mística do "*tempo*" a raiz conceitual do projeto.

O entendimento do judaísmo como a religião do "*tempo*" e não do "*espaço*", da sacralidade do dia do Sábado (Shabat), além da natureza nômade da religião, leva os arquitetos à criação de artifícios de reforço simbólico através do rito congregacional e da representação do tempo. O primeiro destes artifícios consiste na proposta de duas grandes empenas estruturais de concreto ciclópico que deverão usar diferentes pedras trazidas pelos membros da própria congregação na sua execução, reforçando a ligação entre o edifício e a própria comunidade.

Dentro da sinagoga, todas as paredes serão revestidas por tapeçaria de autoria do artista mineiro Edimar de Almeida, que simboliza através de uma paleta gradativa de cores a passagem do dia, o ciclo diário da luz e da

liturgia judaica, durante as vinte e quatro horas. Neste caso, a interpretação e materialização de conceitos teológicos e raciocínios místicos denota uma maior complexidade na relação entre arquitetura e expressão simbólica.

Vale observar que o processo de renovação e busca de identidade na materialização da arquitetura ligada ao judaísmo já não se restringe mais às sinagogas, e está também ligado a uma série de edifícios com outros usos "judaicos", tais como centros culturais, museus, memoriais do Holocausto, escolas e centros de estudo. Sobre a prancheta, todos os símbolos, cicatrizes e desejos para o futuro, atores das matrizes conceituais que pretendem contextualizar cada uma dessas obras.

Não há dúvidas de que os caminhos capazes de trilhar esta renovação da religião judaica e da expressão de sua arquitetura são múltiplos e heterogêneos. No baú de história, cultura, referências e símbolos do judaísmo não faltam elementos capazes de inspirar e fomentar o "pensamento arquitetônico judaico". Por outro lado, há neste processo outros desafios. No momento em que a tolerância religiosa está na ordem do dia, esta renovada arquitetura ligada ao judaísmo deverá ser também capaz de estabelecer uma relação saudável com o contexto político e social em que se insere, sabendo promover o diálogo, a inclusão e a paz. Será ainda mais bem sucedida, a medida em que consiga também ser aberta a todos, dando exemplo no esforço pela manutenção do respeito mútuo entre as religiões.

Mais do que buscar apenas referências para seu desenho, esta renovação deve estar comprometida com os conceitos de justiça e solidariedade do judaísmo. Só assim será capaz de materializar um espaço judaico coerente com a própria religião e seus valores mais importantes.

EKERMAN, Sergio Kopinski. "Judaísmo e Identidade na Arquitetura de Sinagogas". In: Revista 18, Ano V, nº 22 – Dezembro 2007/Janeiro e Fevereiro 2008, p. 58-63.
<http://revista18.uol.com.br/visualizar.asp?id=889>